

O DESEJO FEMININO NA NARRATIVA DE CLARICE LISPECTOR

Leda Mara Ferreira
Mestranda em Letras – Universidade Federal do Espírito Santo
Bolsista Fapes

Resumo: Nossa leitura crítica do conto “A legião estrangeira”, que faz parte do livro *Felicidade clandestina* de Clarice Lispector, deu-se a partir de uma articulação entre os discursos psicanalítico e literário. Localizamos o saber existente nas entrelinhas da narrativa sobre o sujeito da linguagem, que é, também, o sujeito do inconsciente freudiano. Supomos que nesta narrativa há um desdobrar-se da conflituosa relação do sujeito feminino com o desejar, o que revela a realidade precária que representa o *eu*, por ser imaginário. Nesse ponto interrogamos o texto de Clarice, e fazemo-lo com o auxílio de algumas noções psicanalíticas. É a travessia realizada pela personagem Ofélia ao longo do conto que nos demonstra a fragilidade de sua posição inicial e o complicado e doloroso encontro com seu ser em falta.

Palavras-chave: Clarice Lispector – “A legião estrangeira”. Literatura e Psicanálise. Desejo – Tema literário.

Resumen: Nuestra lectura crítica del cuento "La legión extranjera", que forma parte del libro *Felicidad clandestina* Clarice Lispector, se llevó a cabo a partir de una articulación entre los discursos psicoanalítico y literario. Localizamos el conocimiento existente entre las líneas de esta narrativa sobre o sujeto de la lenguaje, que es también el sujeto del inconsciente freudiano. Suponemos que en esta narrativa hay un desplegarse de la conflictiva relación del sujeto femenino con el desear, lo que revela la precaria realidad que representa el yo, por ser imaginario. En este punto interrogamos el texto de Clarice y hacermolo con la ayuda de algunas nociones psicoanalíticas. Es la travesía realizada por el personaje Ofelia en todo el cuento nos muestra la fragilidad de su posición inicial y la manifestación complicada y dolorosa del deseo.

Palabras-claves: Clarice Lispector – “A legião estrangeira”. Literatura y Psicoanálisis. Deseo – Tema literario.

A relação entre a Psicanálise e a Literatura foi estabelecida desde Freud, que além de um grande apreciador do texto literário, foi um exímio escritor, narrando seus casos clínicos à maneira de romances. Freud tomou os textos literários como objeto de estudo, onde via antecipado aquilo que eram os fundamentos de sua descoberta. Assim, ao contar sobre as histéricas, que se contavam na história contada, consolidou a dimensão da fala e da escrita como fundamental para a elaboração do saber psicanalítico.

Mencionando alguns dos trabalhos em que Freud dedicou-se à investigação do texto literário, temos que, em *Dostoiévski e o parricídio* (1927) ele abordou a questão autobiográfica, como motivo da obra; em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jesen* (1907), relativo à novela *A gradiva* de Wilhelm Jesen, Freud analisa a trama constituída revelando a psicologia dos personagens, aproximando-as às questões clínicas, bem como enfatiza a maneira análoga que têm a literatura e a psicanálise de abordarem a realidade dos sonhos; em *Uma recordação de infância de Dichtung und Wahrheit* (1917) Freud analisa um fragmento da biografia do autor. De tal modo, mesmo que exista em Freud um interesse central que o mobilize em relação à literatura, encontraremos trabalhos que abordam desde a origem da obra literária, que se centram no autor, a aspectos da fruição estética, portanto, centrados no leitor. Ainda que interroguemos de diferentes perspectivas o texto literário, o que Freud observa é que nele, como já vimos, estão antecipados os fundamentos de sua descoberta e, a partir disso analisa que a literatura tem algo a nos ensinar. Seguindo os passos de Souza (2004, p. 7) podemos dizer que “[...] interrogamos a literatura na perspectiva freudiana, na qual os textos testemunham um saber do escritor que precede ao saber da psicanálise sobre o inconsciente e que pode contribuir para que a teoria avance” (SOUZA, 2004, p. 7). Ou, ainda, e acima de tudo, como diz-nos o próprio Freud, os escritores criativos são: “[...] aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois, costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar” (FREUD, 1906/1908, p. 18).

Seguindo a trilha aberta por Freud, encontramos Lacan que possui singularidades próprias no manejo do texto literário, dentre as quais enfatizaremos apenas aquela que se refere à tomada do texto em si como objeto de análise. Isso porque, tendo como suporte teórico a lingüística, Lacan formaliza ser o inconsciente “estruturado como a linguagem”, e acreditando tal qual Freud que a obra literária é uma formação inconsciente, o que nela verifica é a relação do sujeito do inconsciente com a linguagem. Uma relação de ‘assujeitamento’, de desconhecimento da verdade que o causa. “Assim, a abordagem psicanalítica tal como a entende Lacan, visará o ponto em que se revela a determinação que o/um sujeito recebe da linguagem e as condições desse assujeitamento [...]” (SOUZA, 2004, p. 7). Isso objetiva nossa análise crítica do texto literário no sentido de enveredarmos pelo jogo significantemente nele presente, demonstrando

a verdade dessa relação, porque o sujeito da linguagem que nele encontramos é, também, sujeito do inconsciente. Sobredeterminado pela linguagem esse sujeito segue errante por entre os significantes, estando sempre alhures e nunca ali onde se o espera, revelando que o eu humano é essencialmente função de desconhecimento.

O que nos interessa ao aproximarmos o discurso psicanalítico e o discurso literário é essencialmente o desvelar de uma linguagem que, ao oferecer-se a uma fala ou a uma escrita, nunca se realiza plenamente, apontando sempre para o mais além do discurso cotidiano. Estando a relação do sujeito com a linguagem sempre para além dos sentidos estereotipados, os significantes deslocam-se por sobre as significações, o que autoriza ao leitor as mais diversas possibilidades de significações. “Que não haja paralelismo entre real e linguagem, com isso os homens não se conformam, e é essa recusa, talvez tão velha quanto a própria linguagem, que produz, numa faina incessante, a literatura” (BARTHES, 2007, p. 22).

Diante disso nossa aproximação com o texto de Clarice visa ascender àquilo que a narrativa tenta alcançar em seu ensaio de fazer borda ao real. Como diz-nos Villari:

Uma tentativa que pretende fazer falar o texto literário, encontrando em suas palavras aquilo que mal sabemos articular na teoria psicanalítica. Trata-se da procura de um bem-dizer, colocando o privilégio do saber no texto literário, vendo como aqueles que sabem fazer com a escrita conseguem circular pelo simbólico (VILLARI, 2000, p. 6).

Iniciemos a análise crítica da narrativa clariceana, mas antes apresentaremos um resumo do conto que não tem qualquer pretensão de substituí-lo, porém causar certa aproximação, no nosso leitor, entre os dois textos aqui presentes.

“A legião estrangeira” é um conto que também faz parte do livro Felicidade Clandestina. De início a narradora informa-nos que, se tivesse de responder a um júri, diria que mal conheceu os pais de Ofélia, assim como mal se conhece, bem como, a cada um dos jurados.

Conta-nos que está tentando falar de uma família que sumiu sem deixar traços e da qual ficara apenas uma lembrança apagada.

Tudo se inicia quando um pinto é trazido para casa da narradora. Todos da família, formada pelo pai, a mãe e dois filhos, ficam em torno do pinto que piava. Diante da insistência do piar do pinto um dos filhos pergunta à mãe se ela quer ser também mãe do pinto. Esta diz sim, estende a mão e pega o pinto.

No instante em que aceita ser a mãe do pinto a narradora diz que se lembrou que um dia havia sido a testemunha de uma menina que se chamava Ofélia. Para contar sobre essa lembrança a narradora começa falando-nos dos pais de Ofélia. Conta que, ao conhecê-la, eles haviam sido arrogantes e grosseiros, evitando uma possível aproximação. Quanto à mãe de Ofélia a narradora chegou até ser sua confidente. Mas, acredita que esta lhe confiara mais do que desejara confiar, quando lhe falou de sua vontade de aprender a enfeitar bolos, por isso a mãe de Ofélia a evitava. Refletindo sobre o assunto conta-nos: “Não contarei a ninguém que você quer enfeitar bolos” (LISPECTOR, 1981, p. 68).

Ofélia era uma bela menina, que muito se parecia com a mãe. Mas, ao contrário da atitude dos pais, se aproxima da narradora e sempre ia à casa desta. Quando a campainha de sua casa tocava e a narradora ia atender, “[...] ouvia uma voz decidida: - Sou eu, Ofélia Maria dos Santos Aguiar” (LISPECTOR, 1981, p. 69). Não era para os seus filhos aquela pequena visita, e sim para ela, que era grande e ocupada. Enquanto ela trabalhava, a visita, que tinha opinião própria sobre tudo, dava-lhe conselhos de como fazer feira, de como criar bem os filhos, de que aquela hora já devia estar tomada banho e arrumada, tal qual sua mãe fazia, e ponderava: “Mas, é claro a senhora faz o que quiser; cada um sabe de si” (LISPECTOR, 1981, p.70).

O silêncio era o pior momento para a narradora naquelas visitas. Num desses momentos Ofélia disse que a narradora era esquisita. Atingida dessa forma, a narradora pensa com raiva que, “[...] pois vai ver que é esse esquisito mesmo que você procura. Ela que estava toda coberta, e tinha mãe coberta e pai coberto” (LISPECTOR, 1981, p. 70).

Um dia, quando foi à feira, a narradora comprara um pitinho para seus filhos. Depois de brincarem com o pinto, este ficou pela cozinha. Ofélia em uma de suas visitas ficou de repente imobilizada quando ouvira o piar do pinto e começa a indagar à narradora o que

era aquilo. Esta lhe responde ser um pinto que havia comprado. Tal foi o seu espanto diante da cobiça exposta nos olhos de Ofélia. Narra a narradora que diante dela algo que não podia ser entendido acontecia a Ofélia. E esse algo era a transformação desta em criança, que se realizava sendo denunciada por seu corpo. “A boca delicada ficou um pouco infantil, de um roxo pisado. Olhou para o teto – as olheiras davam-lhe um ar de martírio supremo” (LISPECTOR, 1981, p. 75).

Ao desejar o pinto Ofélia começa a se transformar. “Arrisco? deixo eu sentir?, perguntava-se nela. Sim, respondeu-se por mim” (LISPECTOR, 1981, p. 76). Ela nascia de si mesma. Era o outro que se é. E devagar ela foi sendo conduzida até o pintinho que piava na cozinha. Um passo que, segundo a narradora, deveria dar sozinha sem a interferência dela. E ela dá-o dizendo: “– Pois vou ver o pinto na cozinha” (LISPECTOR, 1981, p. 78).

Voltou com o pintinho nas mãos e com uma exclamação de criança na boca. E começou a brincar com o pintinho. Ao brincar com o pintinho Ofélia retorna à sua posição de tudo saber, dizendo à narradora que: “Ele é muito pequeno, portanto precisa é de muito trato, a gente não pode fazer carinho nele à toa, a senhora faz o que quiser, mas milho é grande demais para o biquinho aberto dele [...]” (LISPECTOR, 1981, p. 79).

Em seguida Ofélia se despede dizendo que gostaria de ir para sua casa se ela, a narradora, deixasse. Ao tentar retomar seu trabalho a narradora percebe que não consegue e se indaga sobre o porquê. Recorda-se do rosto quieto de Ofélia e “[...] menos que uma ideia passou-me então pela cabeça” (LISPECTOR, 1981, p. 80). Diante disso vai até a cozinha e encontra o pintinho morto. Ofélia havia matado o pintinho. Num impulso tentou a narradora alcançar o coração de Ofélia dizendo-lhe que às vezes a gente mata por amor. “[...] a gente não ama bem, ouça, repeti como se pudesse alcançá-la antes que, desistindo de servir ao verdadeiro, ela fosse altivamente servir ao nada” (LISPECTOR, 1981, p. 81).

Nossa análise incidirá na relação constituída no conto entre a personagem Ofélia e o pinto. Para Ofélia essa relação é marcadamente ambivalente, o que nos remete à relação do sujeito feminino com o desejo, descoberta a partir da pesquisa psicanalítica, que também é marcada pela ambivalência. No conto em questão, observamos que a travessia

realizada por Ofélia que vai do piar do pintinho, do desejá-lo e por fim do tê-lo em suas mãos amando-o, é marcada pela dor, pela angústia, pela vacilação e, finalmente, pelo assassinato desse objeto desejado, amado e odiado.

Este conto traz a história do desabrochar de uma menina chamada Ofélia, que culmina no encontro consigo mesma, deixando surgir a criança que ela é. Esse desabrochar, que se dá pela via do desejo, diz respeito à perda, ao longo da narrativa, de uma posição rígida sustentada por uma identificação àquilo que a narradora diz ser a posição dos pais de Ofélia. “Pai agressivo, a mãe se guardando. Família soberba. [...] Por que a bofetada que estava impressa no rosto deles, por que a dinastia exilada?” (LISPECTOR, 1985, p.65). Em função dessa postura evitavam a narradora. Mas, Ofélia não a evitou e procurou estar perto desta, aproximando-se dela, de sua casa e de sua intimidade cotidiana. Ao se aventurar para além dos muros da dinastia a que pertencia, Ofélia se depara com a verdade de seu ser feminino, qual seja a de um ser marcado por uma falta. Pois, desejava aquele pinto que piava na cozinha da casa da narradora. Ao desejar o pinto para si entra na ordem do desejo. “Diante de meus olhos fascinados, ali diante de mim, como um ectoplasma, ela estava se transformando em criança” (LISPECTOR, 1981, p. 70).

Ofélia era uma menina que estava encoberta pelo saber assimilado do outro, por uma experiência que não era a dela. Diz-nos a narradora, “Ela que estava toda coberta, e tinha mãe coberta, e pai coberto” (LISPECTOR, 1981, p. 70). Sabia como fazer a feira, como criar filhos, como cuidar do pintinho, e ensinava tudo à narradora a quem visitava sempre, e a quem ela achava esquisita. Essa cobertura dava-lhe uma aparência de um adulto que tudo sabe. Nessa singularidade desse adulto em miniatura não havia lugar para a curiosidade, a descoberta, a espontaneidade. Podemos interpretar essa postura de afirmação no eu sou, no eu sei, como sendo a representação de uma sintomática que objetiva fazer com que ela não se coloque a questão que lhe concerne quanto ao seu ser, como teoriza Lacan: “[...] diremos que o nevrosado põe sua questão neurótica, sua questão secreta e amordaçada, com o seu eu. [...] isto é, justamente para não pô-la” (LACAN, 1985, p. 199). Mas, essa questão começa a se descortinar quando diante do piar do pintinho sua curiosidade se manifesta e ao constatar que se tratava de um pinto que a narradora tinha, desejo-o para si. “[...] agora eu a expusera ao melhor do mundo: a um pinto”. (LISPECTOR, 1981, p. 74). Aquela segurança sobrevivida de sua rigidez,

de sua soberba, enfim de sua sintomática, e que a possibilitava dizer decidida à porta da casa da narradora: “[...] Sou eu, Ofélia Maria dos Santos Aguiar” (LISPECTOR, 1981, p. 69) apontava para o desejo e aos poucos foi sendo traduzida e revelando seu ser em falta, fazendo-a perder o controle de si: “Dessa vez os olhos se angustiaram como se nada pudessem fazer com o resto do corpo que desprendia independente. E mais se alargavam, espantados com o esforço físico da decomposição que dentro dela se fazia” (LISPECTOR, 1981, p. 75).

No lugar da afirmação emerge a vacilação e Ofélia se questiona: “Arrisco? deixo eu sentir?, perguntava-se nela” (LISPECTOR, 1981, p. 76).

Esse movimento de contato com o desejo de Ofélia vai sendo narrado de tal forma que vai deixando transparecer toda a dificuldade que era para aquela menina descobrir a presença do pinto e desejá-lo para si, como podemos constatar no fragmento a seguir:

Uma sombra profunda cobrindo a terra. Do instante em que involuntariamente sua boca estremeceu quase pensara “eu também quero”, desse instante a escuridão se adensara no fundo dos olhos num desejo retrátil que, se tocassem, mais se fecharia como folha dormideira (LISPECTOR, 1981, p. 74).

Lispector através da literatura e com sua escrita que se faz poética, tamanho é o ímpeto das metáforas que a compõem para tentar dar conta de dizer algo sobre os equívocos a que leva o desejar, possibilita-nos interrogar seu texto sobre o tema do desejo, por este ser um sujeito da linguagem. Conforme escreve Lacan:

Si no fuera porque tratamos de permanecer lo más cerca posible de La experiencia psicoanalítica, sería bueno interrogar a los poetas para saber algo acerca del deseo. En efecto, el poeta da testimonio de una relación profunda del deseo con el lenguaje [...] (LACAN, 1982, p. 128).

Por ser esse sujeito da linguagem, porque constituído na linguagem, pela linguagem é marcado pelo significante da falta no campo do Outro. Sendo assim, Ofélia depara-se com o significante da falta ao ir além dos limites impostos por aqueles que a constituíram, mantendo-se em contato com a narradora, pessoa que contrapunha a perfeição de seu lar, pois assim ela falava a esta: “Não era mais hora de estar de robe;

sua mãe mudava de roupa logo que saía da cama, mas cada um termina levando a vida que quer” (LISPECTOR, 1981, p. 70). E é assim, que ela, Ofélia, é-nos apresentada, como um ser suposto completo, um ser de personalidade perfeccionista, imponente e que ocupa uma posição de mestria diante de sua interlocutora. Esta por sua vez se deixava enredar no discurso de Ofélia, participando do jogo, como podemos verificar no fragmento a seguir:

Nunca era minha a última palavra. Que última palavra poderia eu dar quando ela me dizia: empada de legume não tem tampa. Uma tarde numa padaria vi-me inesperadamente diante da verdade inútil: lá estava sem tampa uma fila de empadas de legumes. Mas, eu lhe avisei, ouvi-a como se ela estivesse presente (LISPECTOR, 1981, p. 70).

Era com firmeza de opinião que se comportava Ofélia, porque “Tinha opinião formada a respeito de tudo. Tudo o que eu fazia era um pouco errado, na sua opinião” (LISPECTOR, 1981, p. 69). Mas, no desenrolar da sua história vamos percebendo que sob essa firmeza escondia-se um sujeito de desejo, portanto, um sujeito em falta. Após da total ausência de curiosidade, lá estava ela, foi despertada, pois ao ouvir um som vindo da cozinha da casa da narradora, ficou curiosa “– Que é isso, disse” (LISPECTOR, 1981, p. 69). A narradora tinha um pinto e este estava piando, era esse piar que ela ouvia. Isso que vem de outro lugar irrompe e denuncia aquilo de que com muito cuidado Ofélia se havia protegido “[...] com uma atenção interior, como se para tudo houvesse um tempo, levantava com cuidado a saia de babados, sentava-se, ajeitava os babados, e só então me olhava” (LISPECTOR, 1981, p.69). Não é da possibilidade de um encontro/desencontro com o desconhecido que tanto ela se defendia? “O que era? Mas, o que fosse, não estava mais ali. Um pinto faiscara um segundo em seus olhos e neles submergira para nunca ter existido” (LISPECTOR, 1981, p. 74). O fato é que isso que vem desse Outro lugar, fratura seu ser e lança-a num não saber. “Existe ese punto problemático donde el sujeto respode a una llamada del ser y del quere, en forma opaca, después de no haber podido decir lo que desea ni lo que quiere: es el deseo” (LACAN, 1982, p. 128). E ela se dava a isso que a chamava. É por nada que Ofélia se dava, deixando cair sua cobertura constituída pelo saber do outro. “Tinha que se dar – por nada. Teria que ser. E por nada” (LISPECTOR, 1981, p. 75). O que tinha que dar era a sua falta, o seu ser em falta, o que a ultrapassava. Tempo difícil de ser vivido, algo da ordem do insuportável. Sabedora disso a narradora foi acompanhando e conduzindo

Ofélia, de forma o mais delicada possível. A citação a seguir talvez nos possa sugerir essa idéia:

Nela a grande pergunta me envolvia: vale a pena? Não sei, disse-lhe minha quietude cada vez maior, mas é assim. Ali, diante de meu silêncio, ela estava se dando ao processo, e se me perguntava a grande pergunta, tinha que ficar sem resposta. Tinha que se dar – por nada. Teria que ser. E por nada. Ela se agarrava em si, não querendo. Mas eu esperava. Eu sabia que nós somos aquilo que tem de acontecer. Eu só podia servir a ela de silêncio. E, deslumbrada de desentendimento, ouvia bater dentro de mim um coração que não era o meu.

[...] Não sem dor. Em silêncio eu via a dor de sua alegria difícil. A lenta cólica de caracol. Ela passou devagar a língua pelos lábios finos (LISPECTOR, 1981, p. 75).

Exposta à sua condição desejante, Ofélia sofria. Sofria a experiência de desejar mediada pelo objeto do desejo do outro, justo aquele por quem parecia sentir certo desprezo, porque esse outro, que era a narradora, nada sabia e nada tinha a lhe oferecer, senão sua esquisitice. Sofreu ao desejar simplesmente. “Mas ela sofria. Com alguma vergonha notei afinal que estava me vingando. A outra sofria, fingia, olhava para o teto. A boca, as olheiras” (LISPECTOR, 1981, p. 81). E a narradora segue descrevendo todo o sofrimento de desejar e de querer negar esse desejo. “Ela se agarrava em si, não querendo” (LISPECTOR, 1981, p. 75). Mas, a transformação se dava ultrapassando-a. “A agonia lenta. Ela estava engrossando toda, a deformar-se com lentidão. Por momentos os olhos tornavam-se puros cílios, numa avidez de ovo” (LISPECTOR, 1981, p. 75). Em sua vacilação, sem querer acreditar no que acontecia, Ofélia questiona insistentemente à narradora sobre aquele piar, conforme trecho transcrito abaixo.

- É um pinto?

Não olhei para ela

- É um pinto, sim.

[...]

- Um pintinho?, certificou-se em dúvida.

-Um pintinho, sim, disse eu guiando-a com cuidado para a vida.

-Ah, um pintinho, disse meditando.

- um pintinho, disse eu sem brutalizá-la (LISPECTOR, 1981, p. 76).

Esse impasse dura um longo tempo, que pode ser objetivado pela densidade da narrativa. A narradora põe-se firme, decidida a não se antecipar a Ofélia e mandá-la constatar a verdade que por hora se aludia, porque acreditava que o passo a ser dado para obter essa constatação só cabia a Ofélia dá-lo por conta própria. “Sei que deveria

ter mandado, para não expô-la à humilhação de querer tanto. Sei que não lhe deveria ter dado a escolha, e então ela teria a desculpa de que fora obrigada a obedecer” (LISPECTOR, 1981, p. 77). Na citação a seguir a narradora expõe-nos a dificuldade desta posição desejante tanto dela, como de Ofélia:

Ficamos nos defrontando, dessemelhantes, corpo separado de corpo; somente a hostilidade nos unia. Eu estava seca inerte na cadeira para que ela lutasse dentro de mim; cada vez mais forte à medida que Ofélia precisasse me odiar e precisasse que eu resistisse ao sofrimento de seu ódio. Não posso viver isso por você – disse-lhe minha frieza (LISPECTOR, 1981, p. 78).

E Ofélia não fraqueja. Vai à cozinha e constata a presença do pinto. Põe-se a brincar com ele e somente neste momento pôde constatar a verdade que lhe fora descortinada:

– É um pintinho!, disse: E pôs a brincar com o pinto. Deixava-o a correr pelo chão da cozinha autônomo para sentir saudade; mas se ele se encolhia, pressurosa ela o protegia, com pena de ele estar sob o seu domínio, ‘coitado dele, ele é meu’; e quando o segurava, era com mão torta pela delicadeza – era o amor, sim, o tortuoso amor (LISPECTOR, 1981, p.78/79).

O desabrochar de Ofélia para o desejo culminou com o assassinato do pinto que tanto desejou e quando este esteve em suas mãos, muito o amou, o que nos é contado pela narradora, mas também o odiou, pois Ofélia matou-o, destruindo assim o objeto de seu desejo. Fez isso, segundo a narradora, por amor. “Oh não se assuste muito! Às vezes a gente mata por amor, mas juro que um dia a gente esquece, juro!” (LISPECTOR, 1981, p. 81). Com este final não fica difícil tencionarmos a relação problemática do sujeito com o desejo. Conflitos, angústia, incertezas, dor, coragem, são subsídios que se presentificam na narrativa e que fazem parte de todo e qualquer movimento desejante:

[...] deseo humano no es una relación pura y simple com el objeto que lo satisfaría, sino como destinado a uma perversidade fundamental: goce del deseo en quanto deseo; lo muestra también como escapando a la síntesi del yo, dejándole a éste solo la ilusión de afirmar la síntesis; por último, y sobre todo, lo muestra comprometido en una profunda relación com el deseo del otro (LACAN, 1982, p. 128).

Interrogando o texto de Lispector encontramos a problemática do desejo na forma de um eu que fracassa diante da afirmação do desejo que se impõe vindo de Outro lugar. Para além da dinastia à qual pertence, o desejo de Ofélia está ligado, nasce relacionado

ao desejo da narradora, na medida em que aquela deseja um objeto que pertence a esta. Por último, mas, não menos importante, é que com o assassinato do pinto podemos constatar que o objeto do desejo não é simplesmente destinado a satisfazer as necessidades vitais do sujeito.

Como já mencionamos, no início do conto encontramos a personagem Ofélia alienada ao saber recortado pela experiência do outro. Sendo assim, esse saber constituía a sua estrutura sintomática que supostamente a protegia, pois preenchia de certa maneira o *ser* de Ofélia em falta. Essa estrutura é necessária para que o sujeito possa de alguma forma constituir-se, mas ela estará sempre sob o risco de que algo advenha de outro lugar e a desestruture, fazendo com que o *eu* do sujeito perca suas referências, ou seja, as identificações que o sustentam. E foi assim com Ofélia, seu ser de aparência foi dilacerado, decomposto, quando a presença do objeto despertou o seu desejo. Isso porque para ascender a uma posição desejante foi necessário que uma perda se instituisse, isto é, era necessário que Ofélia deixasse cair este véu sob o qual ela estava alienada. E ao longo do conto uma travessia se fez e foi suntuosamente narrada. Nessa narrativa os olhos, a boca, os cílios, o corpo, os lábios, a língua formaram o dialeto através do qual Clarice tenta dizer-nos ou, melhor, transmitir-nos a dor que a perda causava naquela menina, porque se tratava da perda de parte de si. E quem era esse ‘si’? Era aquela criança que na sua alienação ao outro, ganhava uma aparência de *ser* sob a certeza de seu nome próprio, sou eu “Ofélia Maria dos Santos Aguiar” e que havia constituído um laço afetivo com a sua vizinha, a narradora. Esta foi a testemunha desta travessia ou transformação, segundo o conto, e narra-nos como foi a perda em causa para Ofélia:

A agonia de seu nascimento. Até então eu nunca vira a coragem. A coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio corpo, e de largar no chão o corpo antigo. E sem lhe terem respondido se valia a pena. “Eu” tentava dizer seu corpo molhado pelas águas. Suas núpcias consigo mesma (LISPECTOR, 1981, p. 76).

O nascimento deste ‘eu do desejo’ que opera a separação do outro, traz a perda deste eu alienado, saltando as amarras que atavam Ofélia à palavra dos pais. Ao mesmo tempo, redundando na diferença, que é o que torna o desejo insuportável para o sujeito. Mas, paradoxalmente o sujeito só pode ascender a uma posição de desejo neste momento que se deixa perder de tudo aquilo que lhe dava suporte de existência, ou seja, sua

identificação ao significante da falta no outro, que é o falo, “[...] largar no chão o corpo antigo [...]” (LISPECTOR, 1981, p. 76), para entrar numa ordem em que o sujeito tem que se haver com seu desejo e alienar-se em uma nova possibilidade. Revela-se que o objeto do desejo sempre desperta ambivalência, pois se por um lado há nele algo desejável, por outro, ao apontar para a falta no sujeito, fraturando sua suposta unidade, impede que ele possa se afirmar em um ‘*eu sou*’, instaurando a incerteza.

Antes de tudo o sujeito não sabe quem nele deseja, isto é, é alienado daquilo que concerne ao seu desejo. Quando se vê frente a frente com seu objeto, a narradora diz-nos que Ofélia “Olhou-o na mão que se estendia, olhe-me, olhou de novo a mão – e de súbito encheu-se de um nervoso e de uma preocupação que me envolveram automaticamente em nervoso e preocupação” (LISPECTOR, 1981, p. 78). Preocupação e nervosismo que podemos interpretar como sendo respostas próprias do sujeito frente ao objeto de seu desejo, signos da vacilação das certezas sobre si mesmo, o medo do desaparecimento. “Lo que aquí soporta el objeto de su deseo es exactamente lo que no puede develar, ni aun a si mismo: se trata de algo que se sitúa en el borde del mayor secreto” (LACAN, 1982, p. 146).

Para abordar o desejo, Lispector faz uso da ambigüidade do significante “pinto”. Além de referir-se à pequena ave que encanta Ofélia, este significante é o nome popular para o sexo masculino, designado na psicanálise como falo e colocado no conto como o objeto do desejo da menina. E o desejo que está em jogo é o desejo feminino. O que nos sugere essa interpretação é o fato de Lispector se utilizar justamente desse significante para nomear o objeto do desejo de sua personagem e, ainda, a ambigüidade de afetos que levam ao assassinato do pinto.

Para além de todos os impasses que ressaltamos no texto de Clarice no que diz respeito à relação do sujeito com seu desejo, podemos inferir que Lispector ensina-nos com sua criação que, se há o amor, suporte do desejo, há sua contrapartida, o ódio. Este está presente em todo e qualquer sujeito, mas no sujeito feminino a um algo a mais que Clarice expõe-nos ao conceder tal fim para a história de amor/ódio de Ofélia com o pinto. Freud precisou da pesquisa psicanalítica para descobrir essa ambigüidade no âmago da relação do sujeito feminino com seu objeto de desejo.

Diz-nos a narradora: “[...] às vezes a gente mata por amor [...] a gente não ama bem, ouça, repeti como se pudesse alcançá-la antes que, desistindo de servir ao verdadeiro, ela fosse altivamente servir o nada” (LISPECTOR, 1981, p. 81). É esse outro lado obscuro que a arte de Clarice explora e permite reconhecer sem necessidade de recurso à investigação psicanalítica. Quais eram as razões dessa hostilidade, que quando não dita poderia passar ao ato?

Freud encontrou evidências dela entre os povos primitivos que constituíram tabus em torno da relação dos homens com as mulheres. Na análise desses tabus, Freud os interpretou como tendo finalidade de protegê-los da agressividade feminina.

Um desses tabus consistia na proibição de qualquer contato dos homens com as mulheres, principalmente o sexual, antes de eventos importantes realizados pelos homens e que foram herdados através da cultura, tais como: sair para uma caçada ou uma campanha, para expedições, etc., pois, “[...] de outra forma, ela pode lhe paralisar a força e lhe trazer má sorte” (FREUD, 1918, p. 183). Outro tabu era o da virgindade. Entre esses povos quando um homem casava-se com uma mulher, o ato de defloramento desta era realizado por outro homem, este escolhido de acordo com singularidade da cultura de cada povo. “Desta maneira, as mulheres também são consideradas como sendo fontes desses perigos, e o primeiro ato sexual com a mulher destaca-se como sendo um perigo de especial intensidade” (FREUD, 1918, p. 186).

Os estudos antropológicos de Freud serviram-lhe para explicar o comportamento sexual que ele observa em sua clínica.

Eu, por exemplo, acredito que encontraremos alguma indicação sobre o que é esse perigo intensificado e por que ele ameaça, precisamente, o futuro marido, se examinarmos mais detidamente o comportamento, nas mesmas circunstâncias, de mulheres de nosso próprio estágio atual de civilização (FREUD, 1918, p. 186).

Estes comportamentos mostravam a hostilidade, por parte das mulheres, que se apresentava em palavras e gestos contra aquele homem com quem manteve a primeira relação e mesmo depois, nas subseqüentes. E ainda, em outras analisou os afetos contraditórios direcionados para o mesmo objeto de desejo, pois apesar de amarem o

homem com quem haviam se casado, hostilizam-no após o ato sexual, “[...] injuriando-o, levantando a mão contra ele ou, realmente, batendo-lhe” (FREUD, 1918, p. 186).

Freud conclui que o homem dito primitivo quando entregava sua esposa para que outro homem a deflorasse, acreditava evitar, assim, ser o alvo da agressividade própria do desejo feminino. “[...] no caso do tabu da virgindade o homem primitivo está se defendendo de um perigo corretamente pressentido, apesar de psíquico” (FREUD, 1918, p. 186).

Deste ponto também podemos aproximar o texto de Lispector e interpretar que existiu em Ofélia, para além do excessivo amor que ela sentiu e que poderemos ver confirmado na citação a seguir, o ódio, que só pudemos reconhecer em ato, no assassinato do pinto.

Ele é muito pequeno precisa de muito trato, a gente não deve fazer carinho nele porque existem os perigos mesmos; não deixem pegarem nele à toa, a senhora faz o que quiser, mas milho é grande demais para o biquinho aberto dele; porque ele é molezinho, coitado, tão novo, portanto a senhora não pode deixar seus filhos fazerem carinho nele; só eu sei que carinho ele gosta; ele escorrega à toa, portanto chão de cozinha não é lugar para pintinho (LISPECTOR, 1981, p. 79).

Freud com a pesquisa clínica e antropológica e Lispector com a literatura apontam a face ambígua do desejo feminino.

Impedida de ser a criança que ela era e designando um desejo feminino, Ofélia parece adivinhar que existia algo para além de todas aquelas significações sob as quais se constituía. Assim, ao encontrar uma porta aberta, não vacila, entra. Tendo acesso à intimidade daquela que estava por detrás daquela porta, sua vizinha, a narradora, começa a descobrir outro jeito de viver que a princípio, não lhe dizia muita coisa, mas algo ali lhe atraía. Deixando-se levar pelo desconhecido depara-se com as vicissitudes do desejo e descobre a outra face amor, o ódio. Foi amando excessivamente que Ofélia ofuscou o ódio. Enigmática, essa outra face não se entregou às palavras, e para livrar-se deste resto que não poderia ser dito, Ofélia destrói aquele que foi o agente de sua descoberta, o pinto.

Referências

- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.
- FREUD, Sigmund. (1910) O tabu da virgindade. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XI.
- FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio. Tradução de Jayme Salomão. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. IX.
- FREUD, Sigmund. Uma recordação de infância de Dichtung und Wahrheit. Tradução de Jayme Salomão. In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XVII.
- FREUD, Sigmund. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. Tradução de Jayme Salomão. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. IX.
- FREUD, Sigmund. Dostoiévski e o parricídio. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XXI.
- LACAN, Jacques. *Seminário 3: as psicoses*. Tradução de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. Tradução de Dulce Duque Estrada. *Cahiers pour l'Analyse*, Paris, n. 1, jan. 1966.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina: contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- SOUBBOTNIK, Olga Maria M. C. Souza. *André Gide e a função da escrita*. Vitória: Edufes, 2004.
- VILLARI, Rafael Andrés. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 20, n. 2, jun. 2000. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414_98932000_000_200002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 30 mar. 2011.

Recebido em 31/03/2011
Aprovado em 13/06/2011